

**Do jornalismo à sala de aula: a abordagem do gênero  
discursivo reportagem em um livro didático de português**

*From journalism to the classroom: the approach of the gender  
discursive report in a teaching book of portuguese*

Maria de Fátima ALMEIDA<sup>1</sup>  
Manassés Morais XAVIER<sup>2</sup>  
Symone Nayara Calixto BEZERRA<sup>3</sup>

## Resumo

Objetivamos *realizar* uma análise sobre as estratégias didáticas realizadas pelo autor de um livro didático de Língua Portuguesa, do 1º ano do Ensino Médio, para desenvolver a abordagem do gênero reportagem e *destacar*, a partir da Análise Dialógica do Discurso – Bakhtin (2010a; 2010b), Tezza (2003) – e da teoria dos gêneros jornalísticos – Cotta (2005), Pena (2008) –, como o livro didático pode contribuir com a formação de alunos e professores cada vez mais reflexiva. Os resultados apontam que a abordagem do gênero está direcionada a uma perspectiva dialógica, uma vez que as reportagens convocam sentidos historicamente situados e que vão ao encontro da natureza composicional, temática, bem como do estilo do gênero, proporcionando reflexões didáticas que orientam os alunos aos usos linguísticos dialógicos e situados em atividades específicas de comunicação social.

**Palavras-chave:** Análise Dialógica do Discurso. Gêneros Discursivos/Jornalísticos. Livro Didático. Reportagem.

## Abstract

We aim to carry out an analysis of the didactic strategies carried out by the author of a textbook of Portuguese Language, of the 1st year of High School, to develop the approach of the genre reporting and to highlight, from the Dialectical Discourse Analysis – Bakhtin (2010a; 2010b), Tezza (2003) – and the theory of journalistic genres – Cotta (2005), Pena (2008) –, how the textbook can contribute to the formation of

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora de Língua Portuguesa e de Linguística da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: falmed@uol.com.br

<sup>2</sup> Doutorando em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Professor de Língua Portuguesa e de Linguística da Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: manassesmxavier@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Professora Substituta de Língua Portuguesa e de Linguística da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: symonebezerra@gmail.com

students and teachers increasingly reflective. The results indicate that the approach of the genre is directed to a dialogical perspective, since the reports summon senses historically situated and that go to the nature of the compositional, thematic, as well as the style of the genre, providing didactic reflections that guide the students to the Linguistic uses and situated in specific activities of social communication.

**Keywords:** Dialogical Analysis of Speech. Discursive/Journalistic Genres. Textbook. Report.

## Introdução

O livro didático continua sendo um dos principais recursos do professor em sala de aula. Isto é um fato! E, por consequência deste fato, defendemos o investimento em pesquisas científicas que tenham como *corpus* este recurso, no sentido de promover, sobretudo, discussões que ponderem sobre como o ensino das disciplinas curriculares da Educação Básica, particularmente a Língua Portuguesa, vem sendo abordado nestes livros, orientando a prática docente e formando alunos que necessitam cada vez mais de uma construção de conhecimento reflexiva.

Sendo assim, objetivamos neste trabalho, de modo geral, *verificar* como se dá a abordagem discursivo-dialógica do gênero jornalístico informativo reportagem em um livro didático de Língua Portuguesa do Ensino Médio. De modo específico, destacamos: *realizar* uma análise sobre as estratégias didáticas realizadas pelo autor do livro para desenvolver, didaticamente, a abordagem do gênero, enfatizando, com isto, as relações dialógicas estabelecidas nelas – nas estratégias – e *refletir*, a partir da Análise Dialógica do Discurso (doravante, ADD) e da teoria dos gêneros jornalísticos, como o livro didático pode contribuir com a formação de alunos e professores situada em contextos concretos de comunicação discursiva.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa se caracterizou como documental, em que analisamos um livro didático de Língua Portuguesa utilizado em escolas públicas estaduais localizadas no município de Campina Grande – PB (eis o critério de escola do *corpus*!), nos anos de 2016 e 2017, a saber: “*Ser protagonista: Língua Portuguesa*”, 1º ano do Ensino Médio, publicado, em 2013, pela Editora SM e assinado por Rogério de Araújo Ramos.

A seguir, apresentamos a fundamentação teórica da pesquisa que consiste numa reflexão sobre os conceitos de dialogismo e de gêneros do discurso, bem como da didatização de gêneros e, de modo singular, da reportagem jornalística.

## **A ADD: o dialogismo e os gêneros do discurso**

A perspectiva da ADD mostra que o diálogo ou a relação dialógica é a forma clássica de comunicação verbal e esta afirmação reconhece a existência de sujeitos falantes, sujeitos que interagem, visto que o enunciado é dotado de reações-respostas que demarcam a responsividade ativa do interlocutor, do outro, vindo confirmar que a natureza da palavra quer sempre ser ouvida.

Nesses termos, o dialogismo é a capacidade de o discurso dialogar com o já dito e se reportar ao que ainda será dito. É sob esta ótica que para os estudos da ADD o que produz significado ou abastece a vida concreta da palavra não é o seu conceito dicionarizado, mas o tempo e o espaço entre sujeitos organizados socialmente num cronotopo real e vivo, conforme Bakhtin (2010b).

Tezza (2003, p. 32-33) esclarece bem esta questão:

quando alguém nos diz algo, não prestamos atenção no significado reiterável das palavras, aquilo que está nos dicionários; ao contrário, estamos atentos sempre ao que é novo no que está sendo dito; a cada momento só nos interessa o que é novo – cada sinal que ouvimos detona em nós não uma recepção passiva, mas uma resposta ativa, e é nesse território inescapavelmente valorativo que a linguagem e nós vivemos.

Esta visão de que o significado dos mais variados enunciados está na interação verbal corresponde a um dos princípios básicos da ADD denominado exotopia, isto é, o “estar do lado de fora”, o fato de que há uma limitação intransponível no olhar de quem enuncia e que só o outro pode preencher. Em outras palavras, o outro fornece o inacabamento da vida verbal, o que nos faz remeter ao conceito do dialogismo: a inseparavelmente dupla orientação de todo significado.

Em se tratando de gêneros do discurso, partimos da própria definição cunhada por Bakhtin (2010a, 261-262, *itálicos do autor*) para quem

todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*.

Os estudos bakhtinianos resumem o gênero como formas relativamente estáveis de relações dialógicas entre as atividades humanas. Os gêneros se concretizam em textos, por meio do discurso, e sua concretização se dá a partir da escolha do tema, da composição e do estilo, que são determinados pela comunicação discursiva.

O *tema* refere-se ao sentido gerado nas relações/interações dialógicas da linguagem humana, sentidos extraídos das relações sociais dos sujeitos. Quanto à *composição*, existem duas formas: a composicional, que diz respeito às formas da língua, elementos estruturais do texto, e a arquitetônica, que determina a forma da composição, a organização do conteúdo expresso pela língua. Já o *estilo* resulta das relações entre o autor e o seu grupo social, também refletindo a forma do conteúdo, a organização, não dando ênfase a norma, nem ao seu uso: o estilo linguístico é determinado a partir das interrelações do evento descrito e do seu agente – sujeito – e pode ser alterado de acordo com a orientação social do enunciado.

Tema é um termo de grande riqueza sugestiva que não se confunde com “assunto”: pode-se falar de um dado assunto e ter outro tema; a forma de composição (ou composicional), vinculada com a forma arquitetônica que é determinada pelo projeto enunciativo do locutor, não se confunde com um artefato, ou forma rígida, porque pode se alterar de acordo com as alterações dos projetos enunciativos; quanto ao estilo, trata-se do aspecto do gênero que indica fortemente sua mutabilidade: ele é um só tempo expressão da comunicação discursiva

específica do gênero e expressão pessoal, mas não subjetiva, do autor ao criar uma nova obra no âmbito de um gênero. (SOBRAL, 2009, p. 118)

O gênero do discurso, portanto, não é uma forma da língua, mas uma forma do enunciado que, como tal, recebe do gênero uma expressividade determinada, típica, própria do gênero dado. Os gêneros correspondem a circunstâncias e a temas típicos da comunicação verbal e, por conseguinte, a certos pontos de contato típicos entre as significações da palavra e a realidade concreta, isto é, o discurso. Nesses termos,

discurso é uma unidade de produção de sentido que é a parte das práticas simbólicas de sujeitos concretos, articulada dialogicamente às suas condições de produção, bem como vinculada constitutivamente com outros discursos. Mobilizando as formas da língua e as formas típicas de enunciados em suas condições sociohistóricas de produção, o discurso constitui seus sujeitos e inscreve em sua superfície sua própria existência e legitimidade social e histórica. (SOBRAL, 2009, p. 101)

Os gêneros discursivos surgem de acordo com as esferas das atividades humanas. Devido às atividades de comunicação serem bastante diversificadas, os gêneros, portanto, são infinitos. Assim, o gênero está em constante mudança: dependendo da esfera que se situa, é alterado cada vez que é empregado no meio social. Muitas vezes, um determinado gênero transforma-se em outro, devido às diversas mudanças e adaptações discursivas para o uso da linguagem.

## **A reportagem enquanto gênero discursivo do campo jornalístico**

Em se tratando da produção do texto jornalístico, Cotta (2005) mostra que é essencial ouvir todos os lados e diversas versões: “Apurar bem uma matéria é tarefa mais que suficiente para um bom jornalista. Não é função dele tentar conduzir o leitor nesse ou naquele sentido. O leitor é quem deve avaliar e julgar a informação transmitida pela mídia” (p. 79).

Para o autor, o jornalista não deve misturar opinião com informação. Esse profissional precisa buscar informações comprovadas e bem atualizadas, com

credibilidade. A opinião do leitor será, então, uma decorrência desse perfil do jornalista que se dirige a um público-alvo.

No que tange às normas de reportagem, redação e edição, Cotta (2005) elenca as seguintes medidas e providências: assuntos previamente agendados na pauta, temas importantes fora de pauta (o termo ‘fora da pauta’ corresponde ao fato novo que pode interferir na ideia primeira de uma pauta), ordenação dos textos e das matérias, estilo de cada redação, edição de matérias e páginas, interesse do leitor, ouvinte, telespectador ou internauta e cobertura de grandes acontecimentos.

Nesse sentido, a linha editorial consiste no percurso seguido pela publicação para a execução de pautas de reportagens, redação de textos e edição das matérias. O projeto gráfico corresponde à paginação ou formato que será editada tal publicação. Já o cronograma define quais tarefas serão executadas para a realização das atividades.

A partir do apresentado, a reportagem é um gênero discursivo que faz parte da esfera jornalística e que apresenta textos com informações específicas de situações observadas de forma direta. Muitas vezes, as pessoas confundem com uma notícia, uma vez que ambos os gêneros têm o objetivo de informar de forma narrada alguns fatos e acontecimentos, conforme menciona Lucena (2015).

Segundo Xavier (2010), a reportagem é uma forma de textualização que, diferentemente da notícia, caracteriza-se por alargar ou detalhar a construção textual de referência a determinado fato ou acontecimento. Ela exige do jornalista um maior comprometimento com a informação, uma vez que dá margem para a busca de diversas fontes que se inserem como determinantes no processo de compreensão do texto.

O gênero reportagem pode ser televisionado, radiofonizado ou impresso, ambos com características diferentes. Quando televisionada, a reportagem deve ser transmitida por um repórter que utilize uma linguagem clara, direta, precisa e sem incoerências. E também deve saber utilizar a entonação que dá vida às palavras, uma vez que o repórter representa na fala os sinais de pontuação. Quando a reportagem é impressa, o repórter que a edita deve demonstrar capacidade intelectual, criatividade, sensibilidade quanto aos fatos e uma escrita coerente, que dinamiza a leitura e a torna fluente. Desta forma, a subjetividade está mais presente nesse tipo de reportagem impressa do que na TV.

Esse gênero, quando escrito e oral também, apresenta algumas características peculiares como: *manchete*, *lead* e *corpo*. Manchete: compreende o título da reportagem

que tem como objetivo resumir o que será dito. Além disto, deve despertar o interesse do leitor. *Lead*: pequeno resumo que aparece depois do título, a fim de chamar mais ainda a atenção do leitor. *Corpo*: desenvolvimento do assunto abordado com linguagem direcionada ao público-alvo.

Segundo Pena (2008), a definição de reportagem quase sempre é constituída em comparação com a notícia. Sendo assim, utiliza um quadro comparativo entre os dois gêneros que o reproduzimos nesse momento:

**QUADRO 01** – Comparativo da definição/construção textual dos gêneros notícia e reportagem

A notícia apura fatos	A reportagem lida com assuntos sobre fatos
A notícia tem como referência a imparcialidade	A reportagem trabalha com o enfoque, a interpretação
A notícia opera em um movimento típico da indução (do particular para o geral)	A reportagem, com a dedução (do geral, que é o tema, ao particular – os fatos)
A notícia atém-se à compreensão imediata dos dados essenciais	A reportagem converte fatos em assunto, traz a repercussão, o desdobramento; aprofunda
A notícia independe da intenção do veículo (apesar de não ser imune a ela)	A reportagem é produto da intenção de passar uma “visão” interpretativa
A notícia trabalha muito com o singular (ela se dedica a cada caso que ocorre)	A reportagem focaliza a repetição, a abrangência (transforma vários fatos em tema)
A notícia relata formal e secamente – a pretexto de comunicar com imparcialidade	A reportagem procura envolver, usa a criatividade como recurso para seduzir o receptor
A notícia tem pauta centrada no essencial que recompõe um acontecimento	A reportagem trabalha com pauta mais complexa, pois aponta para causas, contextos, consequências, novas fontes

Fonte: Pena (2008, p. 76)

Sabemos que no meio jornalístico existem vários gêneros, dos quais tomamos conhecimento/contato diariamente. A reportagem, assim como a notícia, representa tal modalidade, cujo objetivo é proporcionar ao público leitor/expectador a interação com os fatos decorrentes da sociedade; e se trouxermos estes gêneros para a prática na sala de aula estaremos proporcionando ao alunado a oportunidade de reconhecer o uso e a função da língua dentro desses gêneros, além de aprender e refletir sobre o uso da linguagem em vários ambientes, ou seja, além de saber utilizar a língua na escola, o aluno conseguirá interagir em outros ambientes sociais.

Daí, neste trabalho, defendermos a reportagem enquanto um gênero específico da comunicação discursiva do jornalismo informativo. Tais características já denunciam a singularidade da reportagem no universo da comunicação discursiva das atividades languageiras do jornalismo. Logo, trata-se de uma prática social específica que cumpre propósitos comunicativos também específicos.

O próximo tópico contempla uma discussão sobre a abordagem do gênero discursivo reportagem em um livro didático de Língua Portuguesa do Ensino Médio que funcionou como *corpus* da pesquisa. Isto é, seguem as análises empreendidas neste trabalho.

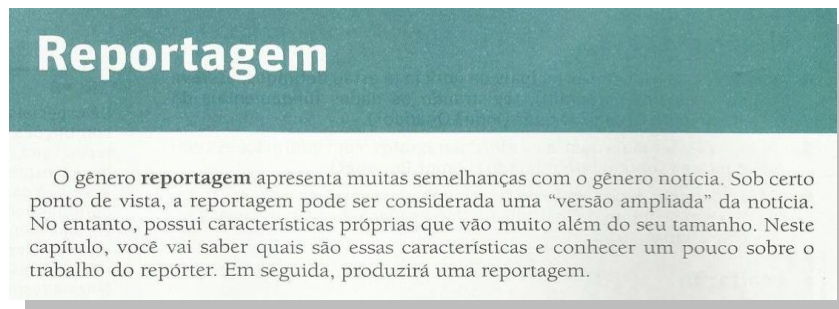
## **A abordagem do gênero reportagem no livro didático: que relação contempla, ou não, com a teoria de gêneros de Bakhtin?**

Neste momento do trabalho apresentamos a abordagem do gênero reportagem no livro didático em análise, a saber: “*Ser protagonista: Língua Portuguesa*”, 1º ano do Ensino Médio, publicado, em 2013, pela Editora SM e assinado por Rogério de Araújo Ramos.

Situados os objetivos do capítulo do livro em análise, destacamos a **Figura 01 – Conceito do gênero discursivo reportagem**. Vejamos.



**Figura 01** – Conceito do gênero discursivo reportagem



**Fonte:** (RAMOS, 2013, p. 330)

Como vemos, o conceito propagado vai ao encontro da teoria dos gêneros jornalísticos, estabelecendo as especificidades linguísticas e discursivas da reportagem, considerando a *estrutura composicional* – “*versão ampliada*” da notícia” (RAMOS, 2013, p. 330) – e *estilo* – “*possui características próprias que vão muito além do seu tamanho*” (RAMOS, 2013, p. 330). Notamos que o objetivo didático se estabelece por uma preocupação muito comum daqueles que trabalham com gêneros jornalísticos: a confusão entre os gêneros notícia e reportagem. É preciso considerar as diferenças e as semelhanças entre estes dois gêneros.

A fundamentação teórica deste artigo científico realizou uma discussão sobre as características destes gêneros a partir da inclusão do **Quadro 01 – Comparativo da definição/construção textual dos gêneros notícia e reportagem - Extraído de Pena (2008, p. 76)**. No quadro supracitado há as peculiaridades dos referidos gêneros no sentido de enfatizar o comportamento textual e discursivo destes, funcionando, também, como um material esclarecer que se presta a diminuir as constantes confusões entre tais gêneros, até mesmo em livros didáticos, como apontado por Lucena (2015).

Prosseguindo com a análise, situamos as **Figuras 02.1 e 02.2 – Exemplo de reportagem** que, na **Seção Leitura** do livro, apresenta um exemplo de reportagem a ser trabalhado durante as atividades didáticas do capítulo 27.

Figura 02.1 – Exemplo de reportagem

**Leitura**

▪ O texto a seguir foi publicado na revista *Veja*. Leia-o, observando os aspectos destacados quanto à sua forma. Em seguida, responda às questões propostas.

**TURISMO** *Retranca ou chapéu: identifica a seção*

## De sofá em sofá

*Um site conecta gente que quer viajar a gente que quer hospedar – ainda que as acomodações não sejam lá essas coisas*

**Kalleo Coura**

Como a maioria das boas ideias, essa surgiu de uma combinação do acaso com a necessidade. O acaso se deu quando o programador de computadores americano Casey Fenton, navegando pela internet, deparou com uma passagem para a Islândia que era uma pechincha – e decidiu aproveitar o fim de semana para visitar o país. Como não conhecia ninguém lá, resolveu enviar 1.500 e-mails para estudantes de uma universidade da capital, Reykjavik, contando quem era e perguntando se não poderiam hospedá-lo. Em menos de 24 horas, recebeu mais de cinquenta ofertas e embarcou naquela que diz ter sido uma das melhores viagens de sua vida (ainda que nem de longe a mais confortável, já que seu quarto era a garagem da anfitriã). Assim nasceu o CouchSurfing, uma rede baseada na internet e destinada a conectar gente que quer viajar a pessoas dispostas a recebê-las (o endereço é [www.couchsurfing.com](http://www.couchsurfing.com)). A expressão, que em tradução literal significa “surfe no sofá”, é uma gíria usada por estudantes americanos para se referir ao costume de hospedar-se, de forma improvisada, na casa de alguém. Criada por Casey e amigos em 2004, ela já atinge 231 países e tem perto de 800.000 usuários, mais de 17.000 deles brasileiros.



O assistente de direção Alberto Azevedo, de 25 anos, já dormiu em 18 sofás de cinco países e hospedou mais de oitenta pessoas em seu apartamento em São Paulo. É do tipo que gosta de guiar o visitante pela mão. “Faço questão de levar os estrangeiros a restaurantes típicos e apresentar a eles feijoadas, caipirinha e guaraná.” Azevedo diz manter contato com pelo menos metade de seus ex-hóspedes – e é justamente essa uma das ideias da rede. “Ela não existe só para ajudar viajantes a encontrar um lugar de graça para dormir”, afirma um de seus cofundadores, o também americano Daniel Hoffer. “A proposta é dar condições para que pessoas de culturas diferentes se conheçam e façam novas amizades.” A estudante de economia Luciana van Tol, de 23 anos, viajou por meio do CouchSurfing por 17 países da Europa em quatro meses. “O único lugar em que fiquei em albergue foi Istambul”, conta.

**Fonte:** (RAMOS, 2013, p. 330)

Figura 02.2 – Exemplo de reportagem

“Visitei os principais pontos turísticos, mas não me sentei à mesa nem conversei com uma família turca. Por causa disso, sinto que só passei por lá – não conheci a Turquia tão profundamente como os países em que me hospedei na casa de alguém”, diz.

O CouchSurfing não se responsabiliza pela segurança dos usuários, mas oferece alguns instrumentos para ajudar a aumentá-la, além dos comentários que os próprios viajantes deixam no site a respeito de suas experiências com outros usuários. Por 13 dólares, por exemplo, o candidato a hóspede ou anfitrião pode ganhar um atestado emitido pelo site garantindo que seu nome e endereço são verdadeiros. Essa espécie de “selo de autenticidade” aumenta sua credibilidade e, conseqüentemente, sua chance de receber ou de ser recebido. De 2004 para

cá, mais de 700.000 hospedagens ocorreram por meio da rede. Em alguns casos, o entendimento entre hóspede e anfitrião supera tanto as expectativas que um acaba se mudando em caráter permanente para a casa do outro. No ano passado, a agente de turismo Cláudia Pedrosa, 36 anos, foi recebida pelo italiano Gianluca Iorio, de 35, em Florença, para uma estada de quatro dias. A visita virou casamento. “Nas conversas pela internet, já havia percebido que tínhamos muito em comum”, afirma Iorio. Neste mês, o casamento completa um ano e as fotos do casal só não ilustram esta reportagem porque Iorio, que se mudou para o Brasil, levou Cláudia à Itália para visitar seus pais. Eles voltam nesta semana para o apartamento de Cláudia, no Rio. E já colocaram o seu sofá à disposição dos viajantes do mundo.

**OS PRÓS E OS CONTRAS DO TURISMO DE SOFÁ**

VANTAGENS	DESVANTAGENS
<ul style="list-style-type: none"> <li>• É de graça.</li> <li>• Permite tomar contato com o cotidiano de um habitante local.</li> <li>• Facilita a vida de quem quer conhecer pessoas, já que, em geral, os anfitriões estão dispostos a apresentar seus amigos ao visitante e a circular com ele pelos lugares que costumam frequentar.</li> <li>• Aumenta as chances de descobrir lojas, baladas e outros endereços que não constam de guias turísticos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O anfitrião pode não ser tão bom quanto parecia no perfil <i>on-line</i>. Idem para as acomodações: quartos superlotados e sofás desconfortáveis demais são uma possibilidade.</li> <li>• É preciso submeter-se às regras do anfitrião: há desde os que entregam ao visitante a chave da casa até os que estabelecem horários para chegar e sair.</li> <li>• Como bom hóspede, o visitante pode ter de fazer pequenos serviços domésticos, como lavar a louça.</li> <li>• Em cidades com intenso fluxo de turistas, como Londres, o risco de não conseguir hospedagem por causa da grande procura é alto.</li> </ul>

Revista *Veja*, São Paulo, Abril, ed. 2084, ano 41, n. 43, p. 118-119, 29 out. 2008.

**Fonte:** (RAMOS, 2013, p. 331)

Observamos que, de fato, o exemplo dado pelo autor do livro didático corresponde ao gênero em estudo. Percebemos no exemplo características como atemporalidade, o trabalho com a interpretação dos fatos, com seus desdobramentos e suas abrangências, contextos e consequências (características verificadas ao longo do texto da reportagem e, principalmente, no quadro, denominado pelo autor de tabela, “*Os prós e os contras do turismo de sofá*” (RAMOS, 2013, p. 331), bem como a inserção de opiniões do repórter e dos entrevistados.

No que concerne aos destaques feitos por Ramos (2013) no enunciado da **Seção Leitura** – “*Leia-o, observando os aspectos destacados quanto à sua forma*” (RAMOS, 2013, p. 330) –, verificamos, inicialmente, a valorização oferecida pelo livro didático à forma, utilizando, conforme Bakhtin (2010a), a *composição* do gênero. Os destaques contidos na **Figura 02.1 – Exemplo de reportagem** dizem respeito a elementos típicos da diagramação de projetos gráficos do jornalismo, sobretudo, impresso: retranca ou chapéu, título, linha fina, também conhecida como linha de apoio, subtítulo ou sutiã, e assinatura.

As **Figuras 03.1 e 03.2** ilustram uma atividade de leitura e de interpretação do gênero: momento específico do livro didático, o de, didaticamente, trabalhar o assunto em estudo promovendo, para tanto, a construção do conhecimento sobre o conteúdo, no caso, o texto jornalístico reportagem. Vejamos.



Figura 03.1 – Atividade de leitura do gênero reportagem

**Ler uma reportagem** ATENÇÃO: não escreva no livro. Responda à todas as questões no caderno.

- Quais eram os objetivos propostos na pauta de "De sofá em sofá" (boxe *Situação de produção* da página 331)? O repórter conseguiu realizar o que propôs?
- O chapéu estabelece uma classificação das reportagens pelo assunto tratado. Suponha que você é o editor da revista e que nela não exista a seção "Turismo". Escolha outro chapéu para a reportagem "De sofá em sofá". Justifique sua escolha.
  - Internacional
  - Economia
  - Comportamento
  - Esporte
  - Decoração
- A linha fina da reportagem antecipa o seu conteúdo.
  - Qual é o foco da reportagem?
  - Qual é a ressalva anunciada já na linha fina?

**ANOTE**

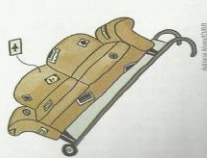
A estrutura da reportagem apresenta "pistas" para que o leitor identifique seu tema e se interesse por ela antes mesmo de ler o texto. O autor do texto, o título, a linha fina, as ilustrações e o chapéu que informa a seção a que pertence a reportagem, assim como os quadros, os gráficos, as tabelas e os infográficos que eventualmente a acompanham, ajudam o leitor a antecipar o conteúdo do texto.

- Releia.
 

[...] ainda que as acomodações não sejam lá essas coisas  
Como a maioria das boas ideias [...].

O autor da reportagem "De sofá em sofá" deixa sua opinião transparecer no texto. O que as expressões destacadas revelam sobre o que o repórter pensa a respeito de seu tema?
- Como a notícia, a reportagem é um gênero textual de caráter informativo. No entanto, nela a subjetividade do autor pode aparecer de forma mais explícita, por meio de expressões em primeira pessoa, opiniões e mesmo histórias pessoais relacionadas à busca por fontes e informações.
- O quadro abaixo apresenta as diferentes partes do texto. Copie-o no caderno e complete-o com a frase inicial de cada parte.

Estrutura: "De sofá em sofá"	
Parte	Frase inicial
Introdução ao tema – "boa ideia"	.....
origem da ideia – história de Casey Fenton	.....
o que é CouchSurfing – rede de turismo de sofá	.....
depoimento de usuário brasileiro – Alberto Azevedo	.....
depoimento do cofundador da rede – Daniel Hoffer	.....
depoimento de usuária brasileira – Luciana van Tol	.....
desdobramento 1: segurança – "selo de autenticidade"	.....
desdobramento 2: história romântica – Cláudia e Gianluca	.....
desfecho: frase de efeito	.....



- O jornalista procurou fontes locais (usuários brasileiros da rede) para produzir sua reportagem. Observe o uso que ele fez dos depoimentos que coletou.
  - O que qualifica Alberto Azevedo como fonte dessa reportagem?
  - E Luciana van Tol?
  - Segundo Daniel Hoffer, qual é o objetivo da rede CouchSurfing?
  - Os depoimentos dos jovens brasileiros desmentem a declaração de Hoffer? Justifique.

Capítulo 27 • Reportagem

332

Fonte: (RAMOS, 2013, p. 332)

Figura 03.2 – Atividade de leitura do gênero reportagem

- Releia as citações a seguir.
 

I. "Nas conversas pela internet, já havia percebido que tínhamos muito em comum", afirma Iório.

II. "Faço questão de levar os estrangeiros a restaurantes típicos e apresentar a eles feijoada, caipirinha e guaraná."

A citação I é seguida de um verbo *dicendi* (*afirma*) e a identificação do entrevistado que a disse (Iório).

  - Qual é o entrevistado da segunda citação? Releia o texto para responder.
  - Como é possível saber isso?
  - Sob esse ponto de vista, a maioria das citações da reportagem se parece com a citação I ou com a II? Por qual motivo, na sua opinião, o autor usou esse recurso?

**ANOTE**

As etapas da reportagem são: pauta, apuração, redação e edição. Conforme indicação da pauta, o repórter inicia a investigação dos fatos ou assuntos, chamada no meio jornalístico de **apuração**. A partir do material recolhido, ele desenvolve a redação do texto, que apresenta uma visão do tema abordado. Depois, a reportagem é **editada** (revisada e/ou reorganizada) para atingir a forma ideal de apresentação ao público, segundo o padrão do veículo de comunicação em que será publicada.

**Hipertexto**

A retextualização é uma atividade cotidiana na vida dos falantes, não apenas na adaptação de um texto oral para a modalidade escrita. Leia mais sobre a retextualização e as relações entre fala e escrita na parte de Linguagem (capítulo 19, p. 232).

  - Quais são os mecanismos criados pelo CouchSurfing para aumentar a segurança dos viajantes? Na sua opinião, eles são eficazes? Justifique sua resposta.
  - Releia a frase final da reportagem: "E já colocaram o seu sofá à disposição dos viajantes do mundo". Ela dá indícios de uma opinião do repórter sobre a rede CouchSurfing, além de fazer uma sugestão ao leitor. Explique.
  - A tabela "Os prós e os contras do turismo de sofá" tem a importante função de detalhar a situação-foco da reportagem em sua dimensão prática. Comente as vantagens e as desvantagens: há algo com que você não concorda? Justifique.

Fonte: (RAMOS, 2013, p. 333)

Pelas **Figuras 03.1** e **03.2** podemos verificar que das 10 perguntas elaboradas pelo autor sobre a reportagem de Kalleo Coura, publicada na Revista Veja em 29 de outubro de 2008, apenas 04 orientam o aluno para a função sociocomunicativa do gênero.

As questões 01, 02, 03, 05, 06 e 07 possuem um foco que orienta a aprendizagem dos alunos ao reconhecimento da estrutura linguística que configura a produção do gênero em estudo. Na questão 01 é enfatizada a proposta dada pelo pauteiro e o realizado pelo repórter. Nos quesitos 02 e 03, assim como no primeiro, a abordagem de Ramos (2013) recai em fazer com que os alunos observem a presença dos elementos da diagramação, chapéu e linha fina, na *composição estrutural* da reportagem, com finalidades específicas de ocupação de lugares no texto jornalístico.

A questão 05 destina-se ao reconhecimento da estrutura do gênero reportagem no exemplo retirado da Revista Veja. Trata-se de uma atividade mecânica de “copiar e colar” informações, isto é, uma atividade não reflexiva sobre os propósitos sociocomunicativos a que o gênero se presta. Esta mesma dinâmica pode ser encontrada nas perguntas 06 e 07: respectivamente, as fontes – os entrevistados – e as formas verbais são estudadas como resultado de um gerenciamento de vozes a partir de citações e de jogos entre primeira e terceira pessoas do verbo, sem refletir sobre os efeitos de sentidos que as presenças das citações e do gerenciamento de vozes verbais provocam nas enunciações possibilitadas pela circulação social da reportagem de Kalleo Coura.

Assim, verificamos que o acento dado por Ramos (2013) nestas questões está atravessado pela necessidade de destacar as etapas da produção da reportagem no contexto de uma redação jornalística: pauta, apuração, redação e edição. A circulação é enfatizada nas questões 04, 08, 09 e 10.

O quesito 04 conduz o aluno a refletir sobre os efeitos de sentidos convocados pelas escolhas não aleatórias das expressões linguísticas: “*O que as expressões destacadas revelam sobre o que o repórter pensa a respeito de seu tema?*” (RAMOS, 2013, p. 332). Este olhar para as escolhas das palavras diz respeito ao estilo do gênero que reconhece, nas escolhas, uma estratégia discursiva de difundir ideologias, posicionamentos, valorações.

É o *estilo do gênero* a dimensão, segundo Bakhtin (2010a), que se preocupa pelas relações entre o autor e o seu grupo social deflagradas pelas acentuações dadas

através do uso da palavra ideológica em enunciados de gêneros do discurso. Como já mencionado neste trabalho, o *estilo* é determinado a partir das interrelações do evento descrito e do seu agente – sujeito – e pode ser alterado de acordo com a orientação social do enunciado, de acordo com as atualizações discursivas do dizer.

Assim, reconhecer tais escolhas na elaboração de reflexões didáticas sobre os gêneros nos permite afirmar que a abordagem de Ramos (2013) caminha na direção da perspectiva bakhtiniana de estudo dos gêneros, pensando-os, desde sua *composição estrutural* a seus propósitos de uso dentro da comunicação discursiva. Logo, o livro didático em questão prima por esta realidade que é da ordem da língua em atuação, em interação, inserida em ambientes específicos de comunicação social.

A presença dos termos “*Na sua opinião*”, “*Justifique sua resposta*”, “*Explique*” e “*Justifique*” nas questões 08, 09 e 10 caracteriza um objetivo didático de conduzir uma abordagem de língua numa perspectiva de interação. Percebemos que a circulação do gênero reportagem alcança, didaticamente, o lugar de produção de sentidos.

Ao solicitar a opinião dos alunos, o autor do livro em análise traz para a cena da discussão uma atividade que não explora, apenas, exercícios cujos interesses não ultrapassam os limites de uma interação do código com ele mesmo, isto é, atividades de reconhecimento de estruturas que não convocam os alunos a refletirem, discursivamente, sobre as redes de sentidos que o uso de tais estruturas provocam quando inseridas em contextos de vida verbal concreta.


Especificamente sobre a escrita do gênero reportagem como atividade didática contida no material em análise chamamos as **Figuras 04 e 05**.

Figura 04 – Atividade de escrita do gênero reportagem


**Produzir uma reportagem**

**Proposta**

Você vai escrever uma **reportagem**, supondo que ela será publicada em uma **revista semanal** de grande circulação. Escolha uma das pautas abaixo. Aproveite os recursos de que você dispõe para criar um texto com um tom informativo e instigante.



**Pauta A – Saúde:** OS INFROMANIACOS. Hoje em dia, é cada vez mais comum a compulsão pelo uso de computador, videogames e Internet. Esse vício pode ser perigoso para a saúde física e mental? Como? Pesquisar dados e a opinião de especialistas. Entrevistar alguém que use o computador em excesso e um membro da família dessa pessoa.



**Pauta B – Comportamento:** OS JOVENS E O TRABALHO. Quais são as tendências na sua região? Há mais trabalho voluntário, temporário, autônomo ou fixo para os jovens? Em que áreas? Que motivos os levam a trabalhar? Entrevistar jovens que exercem atividades remuneradas e jovens que realizam trabalhos voluntários. Se possível, entrevistar representante de alguma instituição que se beneficie do trabalho juvenil.

**Planejamento**

- Observe no quadro abaixo as características do texto que você vai produzir.

Gênero textual	Público	Finalidade	Meio	Linguagem	Evitar	Incluir
reportagem	leitores interessados em análises aprofundadas – mas acessíveis ao público em geral – sobre fenômenos relacionados a política, saúde ou comportamento	investigar e relatar um conjunto de fatos atuais	revista semanal	objetiva, com marcas de subjetividade; terceira pessoa do discurso predominante; verbos <i>dicendi</i> ; retextualização de depoimentos	excesso de opinião pessoal e de adjetivos	depoimentos, citações de fontes e quadros ilustrativos

- Usando a pauta escolhida como orientação, busque as fontes e os dados necessários para a elaboração do seu texto. Faça anotações. Esse é o momento da **apuração**.
- Você pode usar como referência as perguntas que orientam a produção da notícia (capítulo 26): Quem? O quê? Onde? Quando? Como? Por quê? Responda-as no caderno.
- Copie e complete o quadro abaixo em seu caderno. Você terá feito, com isso, um esquema bastante completo do seu texto.

Estrutura	Sua reportagem
<b>Título:</b> não revela todo o tema, mas visa instigar o leitor – muitas vezes brinca com as palavras	.....
<b>Linha fina:</b> revela o tema central da reportagem, já anunciando, se quiser, o posicionamento defendido	.....
<b>Introdução:</b> de forma indireta, responde à pergunta "por que esse tema desperta interesse?"	.....
<b>O que é:</b> definição, explicação e/ou origem do fato relatado	.....
<b>Depoimentos:</b> de representantes de instituições e empresas, autoridades, usuários, especialistas no assunto, etc.	.....
<b>Desdobramento:</b> novo aspecto que desenvolve o tema central	.....
<b>Desfecho:</b> frase final	.....

Capítulo 27 • Reportagem

334

Fonte: (RAMOS, 2013, p. 334)



Figura 05 – Atividade de escrita/reescrita do gênero reportagem

> **Elaboração**

- Lembre-se de que a reportagem é mais longa e desenvolvida do que a notícia e que revela opiniões; portanto, apresente comentários sobre os dados sem perder de vista o intuito informativo.
- Fotografias, ilustrações, mapas, infográficos, gráficos, quadros e tabelas são conteúdos complementares que podem enriquecer uma reportagem. Se utilizar algum desses recursos, lembre-se de produzir legendas explicativas.

> **Avaliação**

- Você vai experimentar o papel de editor. Troque seu texto com um colega e aponte a lápis aspectos que podem ser melhorados no texto dele: trechos confusos, inadequação ao público-alvo (como a escolha de palavras muito informais, por exemplo), informações repetitivas, ausência de dados importantes, etc. Se houver problemas de ortografia, acentuação, pontuação, etc., aproveite para indicá-los também.
- Copie e preencha o quadro abaixo para entregar a seu colega.

	Sím	Não
A estrutura da reportagem foi respeitada (chapéu, título, linha fina, introdução, definição/explicação, depoimentos, desdobramentos, desfecho, conteúdos complementares)?	////	////
O texto apresenta os dados essenciais à compreensão dos fatos (responde às perguntas: Quem? O quê? Onde? Quando? Como? Por quê?)?	////	////
Há a construção de um ponto de vista (o texto apresenta uma visão específica dos acontecimentos)?	////	////
Há adaptação adequada do discurso oral para o escrito (caso de materiais colhidos de fonte oral, como depoimentos)?	////	////

- Se você respondeu "não" a alguma das perguntas do quadro, inclua anotações, explicando cada um dos problemas encontrados. Aponte-os, a lápis, também no texto de seu colega, se achar necessário.
- Complete sua avaliação escrevendo um comentário geral, elogiando as qualidades da reportagem que você leu e também o que pode ser melhorado.

> **Reescrita**

- Devolva o texto do seu colega com as anotações e a avaliação feitas por você. Receba o seu texto comentado por ele.
- A reescrita, na reportagem, é o momento da edição do texto.
  - Leia com atenção os comentários de seu colega e veja como ele preencheu o quadro.
  - Relia seu texto, buscando compreender as intervenções de seu colega. Em seguida, realize as mudanças que você julgar necessárias para que a reportagem fique mais clara e mais interessante.
- Reescreva a sua reportagem.

**Foco da reescrita**

O efeito de realidade depende em grande medida dos depoimentos. Transpor adequadamente os depoimentos colhidos (de textos escritos ou orais) para a estrutura do texto de reportagem é fundamental – seja em discurso indireto ou em discurso direto, com o uso das aspas. Sempre que necessário, os verbos *dicendi* são usados para contextualizar as falas e tecer breves comentários sobre a disposição do enunciador. Observe se você adaptou adequadamente os depoimentos.


**ATENÇÃO**

- À introdução e ao desfecho. Cuide especialmente do início de seu texto. Não é necessário que seja longo, mas deve introduzir o assunto ao leitor, justificando e criando interesse. Pode-se partir de uma das histórias que ilustram a reportagem, como acontece no início do texto "De sofá em sofá". O trecho final merece o mesmo cuidado, pois ajuda a formar a última impressão que o leitor terá ao ler o texto.
- As operações de retextualização. Ao adaptar depoimentos de entrevistados para o texto escrito, elimine as marcas de oralidade, mas evite a perda do sentido original que o depoente quis dar à própria fala.

**Sétima arte**

*Todos os homens do presidente* (EUA, 1976)

Direção de Alan J. Pakula  
 Ganador de quatro Oscars, este é um dos mais elogiados filmes que tematizam o trabalho de reportagem. Baseado em fatos reais, ele conta como os jornalistas estadunidenses Bob Woodward (Robert Redford) e Carl Bernstein (Dustin Hoffman) revelaram ao mundo o caso Watergate, escândalo que desencadeou a renúncia de Richard Nixon, ex-presidente dos Estados Unidos.



Robert Redford (à esquerda) e Dustin Hoffman em cena de *Todos os homens do presidente*.

Fonte: (RAMOS, 2013, p. 335)

A proposta de produção escrita, em princípio, conduz o aluno a refletir sobre o meio de circulação social que o texto, em produção, será publicado. Com isto, percebemos que é o objetivo do livro fazer com que o aluno compreenda a escrita numa visão de prática social, considerando o suporte de circulação de seu texto, bem como os possíveis leitores que aquele suporte pode alcançar.

Vemos, portanto, uma concepção de escrita que se orienta por uma perspectiva de interação. Neste sentido, a abordagem didática do livro faz com que o ensino e a aprendizagem da escrita sejam atravessados por uma visão sociocomunicativa de linguagem, em que o outro e as condições de produção e de circulação dos textos, não apenas jornalísticos, determinam as atividades linguageiras.

Em seguida, Ramos (2013) oferece dois temas que servirão de pautas para os alunos produzirem as reportagens: *saúde*, a compulsão pelo uso do computador (os infomaníacos), e *comportamento*, a relação entre os jovens e o mercado de trabalho contemporâneo. Os dois temas sociais evocados pela proposta do livro didático cumprem com as necessidades sociocomunicativas do gênero em estudo.



A atividade de escrita é organizada pelo autor do livro obedecendo a quatro itens: *planejamento*, *elaboração*, *avaliação* e *reescrita*. No *planejamento*, Ramos (2013) chama a atenção dos alunos para as características do gênero em função do público, da finalidade, do meio, da linguagem e da estrutura comportamental do texto. Nesta abordagem é possível verificarmos a presença das dimensões defendidas por Bakhtin (2010a) como organizadoras dos gêneros discursivos: *tema* (recorrência de temas sociais e da ordem do dia, típicos das reportagens), *composição* (sobretudo quando, no quesito 04 (**Figura 04** – Atividade de escrita do gênero reportagem), traz o quadro com a estrutura do gênero) e *estilo* (quando traça o projeto de dizer da reportagem, considerando a linguagem a ser empregada e suas relações com a finalidade do gênero, com o público e com o meio de circulação). Logo, tal abordagem situa a prática da escrita do gênero reportagem no âmbito da comunicação discursiva, ênfase encontrada nos estudos de Bakhtin (2010a).

No item *elaboração* (**Figura 05** – Atividade de escrita/reescrita do gênero reportagem), observamos que Ramos (2013) particulariza a escrita da reportagem a partir da comparação com o gênero notícia: “*Lembre-se de que a reportagem é mais longa e desenvolvida do que a notícia e que revela opiniões*” (RAMOS, 2013, p. 335). Este olhar comparativo dirige-se na direção do que foi apresentado anteriormente neste artigo, especificamente no tópico que trata a reportagem como gênero discursivo através da apresentação do quadro extraído de Pena (2008).

Esse dado avança do encontrado por Lucena (2015) que, em sua pesquisa, o livro didático analisado confundiu os dois gêneros jornalísticos: denominando de notícia um texto que, na verdade, era uma reportagem, o que prejudica, principalmente, a formação dos alunos.

Ainda destacamos os itens *avaliação* e *reescrita* que sinalizam uma concepção de escrita enquanto trabalho paulatinamente construído, perpassado por atos recursivos, isto é, atividades de idas e voltas. Esta abordagem põe em crise uma concepção de escrita culturalmente concebida como um dom, como uma inspiração. Na verdade, a escrita precisa ser vista como uma atividade processual que, necessariamente, é construída, avaliada e (re)construída.

Dentro dessa ótica, o livro em análise cumpre com uma proposta didática que leva em consideração uma perspectiva discursiva e não apenas textual de gêneros,

destacando a relevância de uma proposta bakhtiniana para as questões relacionadas ao ensino contemporâneo de Língua Portuguesa no contexto da construção do conhecimento a partir do uso de gêneros discursivos, dentre eles os jornalísticos e, mais especificamente, a reportagem, orientando os alunos a fazerem, sobretudo da leitura de gêneros do jornalismo, uma prática social proficiente, uma realidade na vida linguageira dos alunos do Ensino Médio.

## Considerações finais

Em linhas gerais, destacamos a relevância de pesquisas sobre livros didáticos. Tal destaque se dá por dois motivos: o primeiro diz respeito à necessidade de se investir em reflexões acadêmicas sobre materiais didáticos e sobre as concepções de ensino por eles difundidas; e o segundo pela importância que os livros assumem no contexto atual das práticas pedagógicas, funcionando, muitas vezes, como o único recurso utilizado pelos professores em sala de aula.

Em se tratando particularmente do objeto de investigação deste trabalho – a abordagem do gênero jornalístico reportagem no livro didático “*Ser protagonista: Língua Portuguesa*”, verificamos uma didática que convoca um ensino de língua vinculado às práticas sociais de linguagem e, neste cenário, o papel assumido pelos gêneros discursivos aciona o uso de estratégias de ensino que se pautam nas dimensões do *tema*, da *composição* e do *estilo* dos gêneros reconhecidas pelas contribuições da ADD para o ensino de português: um ensino que compreende os gêneros e da didática dos gêneros inseridos no campo da comunicação discursiva – o que responde a pergunta instituída na análise deste trabalho: a abordagem do gênero reportagem no livro didático: que relação contempla, ou não, com a teoria de gêneros de Bakhtin?

Nesse sentido, a abordagem do gênero discursivo reportagem no livro didático de Ramos (2013) contempla processos de formação que consideram a eficácia dos gêneros jornalísticos nas situações de comunicação social, acentuando os propósitos comunicativos do gênero, suas características linguísticas e discursivas fortemente vinculadas à teoria dos gêneros jornalísticos, seus suportes de circulação e sua relação com o outro – objetivos das atividades de comunicação em sociedade e do ensino de

leitura e de escrita pautado no âmbito das interações sociais de usos linguageiros a partir dos gêneros discursivos.

## Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.
- \_\_\_\_\_. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 6. ed. São Paulo: HUCITEC, 2010b.
- COTTA, P. O que é notícia e quem é notícia. In: \_\_\_\_\_. **Jornalismo: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Rubio, 2005, p. 76-93.
- LUCENA, E. A. **Os gêneros notícia e reportagem no Livro Didático de Português: por uma perspectiva dialógica**. Monografia apresentada ao Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande – PB. 2015.
- TEZZA, C. **Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- PENA, F. **Teoria do jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- RAMOS, R. de A. **Ser protagonista: Língua Portuguesa. 1º ano. Ensino Médio**. 2. ed. São Paulo: SM, 2013.
- SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin**. Campinas - SP: Mercado de Letras, 2009.
- XAVIER, M. M. A escrita dos gêneros jornalísticos notícia e reportagem: características linguísticas e funcionais. In: SILVA, M. F. (Org.). **Na trilha da transdisciplinaridade: aspectos linguísticos, literários e interculturais e metodológicos linguístico-literários**. João Pessoa: Ideia, 2010, p. 124-135.